

TORORÓ

PMS	OPM	GERM
BIBLIOTECA		
Jornal	Folha	
Data	24.01.96	
Caderno	2	Página 12
Seção		
Assunto	Bairro	



Morar no bairro do Tororó é uma tranqüilidade, mas existem muitos problemas localizados

Tororó é mais um bairro esquecido pela prefeitura

Excesso de buracos por metro quadrado em suas principais ruas. Este é o principal problema do Tororó. O que seria uma ilha de tranqüilidade a poucos minutos do centro, a pé, com uma panorâmica vista para um dos mais bonitos recantos da cidade, o Dique, mostra uma face de abandono que já está virando lugar comum neste quase final de administração municipal de Salvador. Até na porta da igreja do bairro o mato cresce alto favorecendo a ação dos malandros que ameaçam a calma da vida local.

Hoje, bairro de classe média, o Tororó já foi chique. Algumas de suas casas demonstram os tempos em que famílias tradicionais ocupavam o local. As ruas por onde passaram charretes e damas de chapéu e sombrinha hoje estão com o asfalto gasto, com lixo aqui e acolá, e nas mesas dos bares que proliferam na área à noite faz mais a linha *axé-music* do que a de velhos saraus, trazendo um outro tipo de poluição: a sonora.

PÉ NO SAMBA

Desde os tempos que era preciso

tomar o barquinho do Dique do Tororó até hoje, pode-se dizer que o Tororó tem um pé no samba. Durante muitos anos, funcionou por lá a Escola de Samba Filhos do Tororó. Os tempos passaram, a *axé-music* sepultou as escolas, mas o samba e o Carnaval continuaram firmes no bairro. Lá estão as sedes de pelo menos dois blocos. Um deles é o famoso Apaxes do Tororó, responsável, aliás, por dar um lampejo de vida às noites do Dique com seus ensaios aos domingos. O segundo é o Secos e Molhados, com homens enrolados em toalhas e carregando sombrinhas, que criou a Lavagem do Tororó, hoje parte do calendário de festas populares.

É a face festeira de um bairro pacato com uma igreja antiga, no alto de uma pequena elevação, zelando pela tranqüilidade. Isto não basta. Moradores deitam e rolam nas reclamações: o módulo policial vazio, mato crescendo nos jardins públicos, iluminação precária à noite, barulho, buracos na rua, falta de ônibus — é grande caminhada até a Joana Angélica ou a Lapa quando se trata de apanhar ônibus pa-

ra outros pontos da cidade, e coleta de lixo irregular.

Apesar da beleza da vista do Dique e da proximidade com o centro da cidade, o Tororó escapa à ação da especulação imobiliária e mantém seu casario antigo e pequenos prédios de no máximo quatro andares. Isto garante um certo ar de cidade do interior, só quebrado pela presença do prédio moderno do Hospital Martagão Gesteira, uma das marcas registradas do bairro.

O Martagão, aliás, não é a única entidade de saúde que escolheu o Tororó para sua sede. Pouco mais adiante, além da curva, funciona a Casa de Apoio à Criança com Câncer, que acolhe crianças e seus parentes, vindos do interior, para se submeter a tratamento na capital. Mesmo com os buracos, o mato e o lixo, o bairro mostra que a qualidade de vida local é melhor do que a de outros pontos da cidade. Crianças bricam na rua. Jogam bola, soltam pipas na maior tranqüilidade. Coisas que em bairros mais nobres, onde o IPTU é mais caro, a falta de segurança não permite.